

## **NAS EXÉQUIAS DOS BISPOS DA BAÍA: OS SERMÕES DOS JESUÍTAS EUSÉBIO DE MATOS (1672) E JOÃO HONORATO (1735)**

Isabel Drumond Braga\*  
(Universidade de Lisboa)  
[isabeldrumondbraga@gmail.com](mailto:isabeldrumondbraga@gmail.com)

### **RESUMO**

As cerimónias por ocasião das exéquias dos bispos da Baía (Brasil) deram origem à pregação de dois sermões da autoria de jesuítas na catedral de Salvador – Baía. Neste texto pretendemos estudar os referidos sermões no intuito de avaliar o modo como a parenética era utilizada para disciplinar os fiéis e de que modo se assemelhava a outros textos de teoria política.

PALAVRAS- CHAVE: Baía; Brasil; Bispos; Sermões.

### **AT THE FUNERAL OF THE BISHOPS OF BAHIA: THE SERMONS OF THE JESUITS EUSÉBIO DE MATOS (1672) AND JOÃO HONORATO (1735)**

### **ABSTRACT**

This paper aims to study the sermons preached in the cathedral of Salvador (Bahia – Brazil) in the occasion of the funeral ceremonies of a bishop and an archbishop to evaluate how the parenetic was used as a way to discipline the population and how similar it was as the political theory texts.

KEY WORDS: Bahia; Brazil; Bishops; Sermons.

\*\*\*

1. Os Jesuítas, entendidos como símbolos de mudança, nomeadamente pelos seus objetivos e características, destacaram-se na pregação, nos exercícios espirituais, na pedagogia, nas obras de caridade e beneficência e na conversão dos infiéis. Em Portugal, foram utilizados na reforma pedagógica que compreendeu a formação do

\* Professora associada com agregação. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, CIDEHUS-UE e CH-ULisboa.

clero, o apoio aos leigos através da administração dos sacramentos e, sobretudo, na ação cultural desenvolvida na Universidade de Évora, a partir de 1559. Tiveram igualmente relevância enquanto confessores régios. Nos espaços ultramarinos, destacaram-se como evangelizadores das populações através dos missionários enviados para o Oriente e para o Brasil. Este texto pretende vislumbrar a atividade parenética a partir de dois exemplos de jesuítas atuantes no Brasil, por ocasião do falecimento de dois prelados da Baía: D. Estêvão dos Santos (1629-1692) e D. Luís Álvares de Figueiredo (1690-1786).

Recorde-se que a diocese da Baía, a primeira a ser criada no Brasil, em 1551, pelo papa Júlio III, através da bula *Super Specula*, resultou do desmembramento do arcebispado do Funchal, por proposta de D. João III, ficando subordinada ao metropolitano de Lisboa. Será a única diocese daquela colónia até à criação, em 1676, das do Rio de Janeiro e de Olinda, daí aparecer em algumas fontes como diocese do Brasil. Nessa mesma data, passará a arquidiocese primaz, pela bula *Inter Pastoralis Officii*, de Inocêncio XI. Consequentemente, D. Estêvão dos Santos foi o oitavo e último bispo que exerceu o seu múnus na Baía, uma vez que o seu sucessor, D. Frei Constantino de Sampaio, faleceu antes de receber a bula de confirmação. Por seu lado, D. Luís Álvares de Figueiredo foi o sexto arcebispo da Baía<sup>1</sup>.

Os trabalhos sobre parenética ligada à casa real portuguesa têm tido como referente o historiador João Francisco Marques<sup>2</sup>, enquanto diversos autores estrangeiros, dos quais se destacam Peter McCullough, Hugh Adlington e Emma Rhatigan, coordenadores de uma obra coletiva<sup>3</sup> relativa à realidade inglesa, Emily Michelson, dedicada ao espaço italiano<sup>4</sup> e Stefano Simiz vocacionado para a França<sup>5</sup>, se ocuparam de temas como receção dos sermões, prédica e política e parénesis como forma de disciplinamento das populações.

O estudo da parenética portuguesa tem motivado a atenção dos historiadores da atualidade, tanto mais que, como tem vindo a ser referido, a pregação vai mais além das realidades espiritual e religiosa, uma vez que importa ter em atenção a enorme diversidade de sermões. Isto é, sob tal designação genérica cabem os que foram pregados durante as missões do interior, visando os fiéis mais ignorantes do ponto de vista doutrinal; a par dos que se destinaram a um público cortesão e urbano, naturalmente mais culto e conhecedor das subtilidades do discurso dos pregadores, por vezes carregadas de significado político. Este tipo de sermão era, quase sempre, da autoria de pregadores régios, figuras particularmente bem formadas para levar a cabo

<sup>1</sup> João Trindade, “Brasil – Organização eclesiástica”, *Dicionário de história da Igreja em Portugal*, direção de Fernando Jasmins Pereira, vol. 3 (Lisboa: Editorial Resistência, 1983) 333-334.

<sup>2</sup> João Francisco Marques, *A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina* (Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986); João Francisco Marques, *A Parenética Portuguesa e a Restauração (1640-1668)*, 2 vols. (Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989).

<sup>3</sup> Peter McMullough, Hugh Adlington, Emma Rhatigan, *The Oxford Handbook of Early Modern Sermon*, (Oxford: Oxford University Press, 2011).

<sup>4</sup> Emily Michelson, *The pulpit and the press in Reformation Italy* (Cambridge – Massachusetts: Harvard University Press, 2013).

<sup>5</sup> Stefano Simiz, *Prédications et prédicateurs en ville XVI-XVII siècles*, (Villeneuve d’Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2015).

com êxito as suas funções<sup>6</sup>. Neste sentido, a parénese funcionava como uma forma eficaz de defesa ou de ataque, justificando o interesse da sua publicação e permitindo aos que sabiam ler e aos que ouviam lê-la tomar conhecimento do seu conteúdo<sup>7</sup>, autorizando a discussão por parte dos mais cultos. Enfatize-se que, em momentos de convulsão política, os pregadores apareceram em lugar de destaque entre os polemistas, não hesitando em atacar uma situação e em justificar uma nova realidade. Este tipo de discurso era inclusivamente útil para os que não tinham acesso à palavra escrita, como referenciou Fernando Bouza Álvarez a respeito da Restauração portuguesa (1640). Nesses sermões de forte teor político foram comuns os ataques à pretensa tirania dos Habsburgo e a justificação da nova dinastia<sup>8</sup>.

Durante o Antigo Regime a parenética assumiu um valor de relevo, sendo caracterizada por João Francisco Marques como um elemento da vida social e um sucedâneo da educação doutrinal<sup>9</sup> ou, como preferiu Fernando Martínez Gil, autêntica *mass media*<sup>10</sup>, *avant la lettre*, ao conseguir chegar a quase todos, doutrinando, moldando consciências e fornecendo exemplos adequados de conduta. Estas características não se podem desligar do elevado poder persuasivo dos sermões, permitindo ao púlpito assumir um considerável protagonismo mesmo após o período barroco<sup>11</sup>. Deste modo, não se estranha que o púlpito tenha sido definido como a “cátedra desde la qual se enseñava la doctrina católica y al mismo tiempo actuaba como tribuna de difusión de mensajes sociales y políticos”<sup>12</sup>.

Federico Palomo enfatizou o facto de a parenética estar especialmente ligada às questões doutrinárias e morais da Igreja. Contudo, as matérias políticas não deixavam de estar presentes em alguns sermões, especialmente em momentos de crise, acabando a pregação por ser uma arma poderosa na condução dos destinos das populações. Se as ideias sobre a governação do reino, a *res publica* e a imagem dos monarcas e da Coroa

<sup>6</sup> Acerca das várias tipologias, veja Domenico Ambrasi, “Panegirici e Panegiristi a Napoli tra Seicento e Settecento”, em *La Predicazione in Italia dopo il Concilio di Trento tra Cinquecento e Settecento*, direção de Giacomo Martina e Ugo Dovere (Roma: Edizioni Dehoniane, 1996) 347-389; João Francisco Marques, “Oratória Sacra ou Parenética” em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, direção de Carlos Moreira Azevedo, vol. 4 (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, 2001) 470-510.

<sup>7</sup> Esta situação é particularmente relevante em relação aos sermões pregados em conjunturas políticas adversas. No caso português, vejam-se as análises de Marques, *A Parenética* e Idem, *A Parenética*.

<sup>8</sup> Fernando Bouza Álvarez, “Clarins de Ierichó: oratoria sagrada y publicista en la Restauração portuguesa”, *Cadernos de Historia Moderna y Contemporánea* 7 (1986) 13-31.

<sup>9</sup> Lina Bolzoni, “Oratoria e Prediche” em *Letteratura Italiana*, direção de Alberto Asor Rosa, vol. 3 (Turim: Einaudi, 1984) 1060-1070; Claudia di Filippo, “Pastorale Tridentina ed educazione degli adulti nelle zone retiche e ticinesi all’Epoca di Carlo Borromeo” em *La Comunicazione del Sacro (secoli IX-XVIII)*, direção de Agostino Paravicini Bagliani e Antonio Rigoso (Roma: Herder, 2008) 337, maxime 309-348.

<sup>10</sup> Fernando Martínez Gil, “Los sermones como cauce de propaganda: la Guerra de Sucesión”, *Obradoiro de Historia Moderna* 20 (2011) 304.

<sup>11</sup> Vejam-se as considerações de José Antonio Hernández Guerrero, “La *actio* en la presicación catequética de la cultura barroca” em *La Corte del Barroco: textos literarios, avisos, manuales de corte, etiqueta y oratória*, coordenação de A. Rey Hazas, M. de la Campa Gutiérrez e E. Jiménez Pablo (Madrid: Polifemo, 2016) 577-588.

<sup>12</sup> Óscar Raúl Melgosa Oter, “Protagonistas de las exéquias de los Austrias: los predicadores del sermón fúnebre”, *Obradoiro de Historia Moderna* 16 (2007) 254.

nunca ocuparam o âmago da parénese, também não deixaram de se manifestar, acabando por fomentar a imagem da monarquia<sup>13</sup>. Esta realidade compreende-se melhor se tivermos em conta que a parenética foi, simultaneamente, um discurso ao serviço do poder monárquico e um discurso utilizado por esse mesmo poder, tanto mais que uma parte dos pregadores, mormente os pregadores régios, eram escolhidos pelos monarcas e, naturalmente, estavam ao serviço do poder real<sup>14</sup>. Será neste contexto que os sermões encomiásticos publicados após o desaparecimento dos dois bispos da Baía serão analisados e interpretados, ao mesmo tempo que se procura compreender se estamos perante textos que transmitissem discursos semelhantes aos que eram comuns em cerimónias fúnebres régias, uma vez que o rei era a primeira figura do reino e o bispo a primeira figura da diocese.

O falecimento dos antístites, tal como o dos membros da casa real e da nobreza, motivou sempre o recurso à parenética. Se os sermões eram os momentos altos das cerimónias fúnebres dos membros da casa real, difundindo as imagens e os valores da monarquia, não deixavam de tornar evidentes os laços de cooperação entre a Coroa e a Igreja. Tenhamos presente que a publicação de sermões era muito comum<sup>15</sup>, aparecendo edições de textos avulsos e de sermonários, o que poderá ser entendido como o resultado do interesse por este tipo de textos por parte das pessoas cultas e, em especial, como um sintoma de crise e de alteração política, como já foi referenciado

<sup>13</sup> Federico Palomo, *A Contra-Reforma em Portugal: 1540-1700* (Lisboa: Livros Horizonte, 2006) 78.

<sup>14</sup> Vejam-se os trabalhos sobre sermões pregados em momentos relevantes para a família real: Euclides dos Santos Griné, *A Construção da imagem pública do rei e da família real em tempo de luto (1649-1709)* (Dissertação de Mestrado em História Moderna, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra 1997); 169-182; Isabel M. R. Mendes Drumond Braga, “A Parenética Franciscana ao Serviço da Monarquia por Ocasião do Nascimento de D. Maria Teresa de Bragança (1793)”. *Paralellus* 6:12. (2015) 119-138; Isabel M. R. Mendes Drumond Braga, “Chorar uma Rainha em Portugal e no Brasil: os Sermões por Ocasião da Morte de D. Maria I” em *Anais do I Congresso Lusófono de Ciência das Religiões – Religiões e Espiritualidades, Culturas e Identidades* (Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2015). Sobre a oratória fúnebre em outros espaços europeus, veja, por exemplo, Romano Allemanno, *Oratori Sacri del Seicento. Antologia di Temi e di Motivi dell'Eloquenza Religiosa Barocca*, (Turim, Tesi di Laura in Letteratura Italiana, Università degli Studi di Torino, Facoltà di Lettere e Filosofia, 1968), 423-433; Bruno Petey-Girard, “Parler des morts, parler de soi. Remarques sur la place du sujet dans les harangues funèbres”, em *De bonne vie s'ensuit bonne mort : récits de mort, récits de vie en Europe (XV<sup>e</sup>-XVII<sup>e</sup> siècle)*, direção de Patricia Eichel-Lojkine (Paris: Honoré Champion, 2006), 169-182; Jeanne Shami, “Women and sermons”, em *The Oxford Handbook of the Early Modern Sermon*, direção de Peter McCullough, Hugh Adlington e Emma Rhatigan (Oxford: Oxford University Press, 2011), 155-177; Diego Quijada Álamo, “La Exaltación de las virtudes en la oración fúnebre de la reina María Amalia de Sajonia (1829)” em *Mujeres, Sociedad y Conflicto (siglos XVII-XIX)* coordenação de Margarita Torremocha Hernández (Valladolid: Castilla Ediciones, 2019) 63-80.

<sup>15</sup> Na perspetiva da literatura há igualmente trabalhos sobre sermões portugueses da Época Moderna. Vejam-se os trabalhos de Maria de Lourdes Belchior Pontes, *Frei António das Chagas: um homem e um estilo do século XVII* (Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1953); Maria de Lourdes Belchior Pontes, *A Oratória sacra em Portugal no século XVII, segundo o Manuscrito 362 da Biblioteca Nacional de Lisboa* (Coimbra: [s.n.], 1961); Margarida Vieira Mendes, *A Oratória Barroca de Vieira* (Lisboa: Caminho, 1989); Aníbal Pinto de Castro, *Retórica e teorização literária em Portugal do humanismo ao neoclassicismo*, 2.<sup>a</sup> ed. (Lisboa: INCM, 2008); Belmiro Fernandes Pereira, *Retórica e eloquência em Portugal na Época do Renascimento* (Lisboa: INCM, 2012), de entre outros.

por João Francisco Marques<sup>16</sup>. Acrescente-se ainda que estas publicações apresentavam preços acessíveis e eram muito procuradas pelos pregadores, em especial os mais inexperientes e os menos preparados, que, desta forma, conseguiam ter acesso a exemplos que poderiam imitar. Para se ter uma ideia mais precisa da situação em Portugal, partindo dos anúncios de livros publicados na *Gazeta de Lisboa*, nos anos de 1715 a 1750, verifica-se que das 2094 obras publicitadas, 224 eram sermões (entre espécimes avulsos e sermonários), os quais representaram 18,3 por cento dos livros de temática religiosa e 10,7 por cento do total das obras publicitadas<sup>17</sup>.

Se considerarmos, no seguimento do que temos vindo a esclarecer, que os sermões integraram os mecanismos pedagógicos de disciplinamento social<sup>18</sup>, deverem os ter presente a posição de Erminia Ardissimo, autora que considerou a educação dos fiéis como o mais ambicioso projeto da Igreja após o Concílio de Trento. Neste quadro operativo, a pregação, com o seu pendor pedagógico, assumiu um papel muito relevante. Acreditou-se que o sermão permitiria a renovação da espiritualidade dos fiéis, caso fosse particularmente persuasivo. Com exceção da catequese e do sacramento da confissão, era a pregação que permitia ouvir a palavra de Deus em vernáculo, portanto, poderia funcionar como um instrumento poderoso para moldar a consciência e a espiritualidade dos fiéis<sup>19</sup>. Faça-se notar que, nos sermões dedicados às almas do purgatório, os pregadores procuravam motivar os fiéis a orar pelas almas dos defuntos e a apresentarem-se ao sacramento da penitência. Assim de compreende que alguns sermões contivessem sugestões visando o arrependimento e encaminhando as pessoas para a confissão<sup>20</sup>.

<sup>16</sup> João Francisco Marques, “Lisboa Religiosa na Segunda Metade do século XVII” em *Bento Coelho e a cultura do seu tempo: 1620-1708* (Lisboa: Ministério da Cultura, Instituto Português do Património Arquitectónico, 1998) 162, maxime 139-169.

<sup>17</sup> Isabel M. R. Mendes Drumond Braga, “As Realidades Culturais” em *Portugal da Paz da Restauração ao Ouro do Brasil* (= Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques (dir.) *Nova História de Portugal*. 7), coordenação de Avelino de Freitas de Meneses (Lisboa: Presença, 2001) 465-565.

<sup>18</sup> Sobre este conceito, cf. Winfried Schulze, “Il Concetto di ‘Disciplinamento Sociale nella prima Età Moderna’ Gerhard Oestreich”, *Annali dell’Istituto Storico Italo-Germanico in Trento* 18 (1992) 371-411; Wolfgang Reinhard, “Disciplinamento sociale, confessionalizzazione, modernizzazione: un discorso storiografico” em *Disciplina dell’anima, disciplina del corpo e disciplina della società tra Medioevo ad Età Moderna*, coordenação de Paolo Prodi e Carla Penuti (Bologna: Società Editrice Il Mulino, 1994) 101-123; Heinz Schilling, “Chiese confessionali e disciplinamento sociale: un bilancio provvisorio della ricerca storica” em *Disciplina dell’anima, disciplina del corpo e disciplina della società tra Medioevo ad Età Moderna*, coordenação de Paolo Prodi e Carla Penuti (Bologna: Società Editrice Il Mulino, 1994) 125-160; Heinz Schilling, “L’Europa delle chiese e delle confessioni”, em *La Radici storiche dell’ Europa: l’Età Moderna*, direção de Maria Antonietta Visceglia (Roma: Viella, 2007) 69-81; Adriano Prosperi, “Riforma cattolica, contrariforma, disciplinamento sociale” em *L’Età Moderna*, direção de Gabriele De Rosa e Tulio Gregory (Roma: Bari, Laterza, 1994) 3-48; Adriano Prosperi, *Tribunali della coscienza: inquisitori, confessori, missionari* (Turim: Einaudi, 1996); Federico Palomo, “‘Disciplina Christiana’ apuntes historiográficos en torno a la disciplina y el disciplinamento social como categorías de la historia religiosa de la Alta Edad Moderna”, *Cuadernos de Historia Moderna* 18 (1997) 119-136; Elena Brambilla, *La Giustizia intolerante: inquisizione e tribunali confessionali in Europa (secoli IV-XVIII)* (Roma: Carocci Editore, 2006).

<sup>19</sup> Erminia Ardissimo, *Il Barroco e il sacro: la predicazione del teatino Paolo Aresi tra letteratura, immagini e scienza* (Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2001) 10-17.

<sup>20</sup> Ana María Martínez de Sanchez, “Imágenes de lo jurídico en sermones finis y post coloniales”, *Revista Chilena de Historia del Derecho* 22-1 (2010) 543-554.

João Francisco Marques considerou diversos tipos de sermões, designadamente a pregação ordinária ou pastoral, de carácter eminentemente pedagógico, orientada para a educação da fé, a qual ficava sob a alçada de bispos e párocos no exercício das atividades pastorais e que tinha como subgéneros o sermão catequético e o sermão homilético, e a pregação extraordinária, que abrangia o sermão propriamente dito com os subgéneros: encomiástico (panegírico e oração fúnebre), deprecatório (prece), eucarístico (ação de graças) e gratulatório (regozijo)<sup>21</sup>. Face às vastas ocasiões que implicavam a pregação de sermões, a saber, homilias, missões do interior, exéquias, ações de graças, panegíricos da Virgem e de outros santos, canonizações, aniversários da fundação de casas monásticas e conventuais, tomadas de hábito, autos da fé, procissões de resgate de cativos, atentados a figuras de relevo social, datas relevantes ligadas aos membros da Casa Real, morte de altas figuras do clero e da nobreza, tal como festas religiosas e litúrgicas, não é de estranhar a enorme profusão destes textos, uns publicados, com destaque para as centúrias de Seiscentos e Setecentos<sup>22</sup>, outros inéditos.

A Igreja, em especial no período posterior ao Concílio de Trento (1545-1563)<sup>23</sup> manifestou preocupações com a formação dos pregadores, as quais se traduziram na implementação de exigências com a formação, a vigilância e o castigo dos que não atendessem às normas estipuladas. No sentido de clarificar os deveres dos autores de sermões e de definir as características da parénesis, a Igreja chegou ao ponto de definir as fontes autorizadas, designadamente as Sagradas Escrituras, os comentários bíblicos,

<sup>21</sup> João Francisco Marques, “Oratória Sacra ou Parenética” em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, direção de Carlos Moreira de Azevedo, vol. 4 (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, 2001), 470-510.

<sup>22</sup> A profusão de situações que requeriam pregação tem sido objeto de estudo. Sobre sermões por ocasião de resgates, veja Isabel M. R. Mendes Drumond Braga, “Eloquência, cativo e glorificação: o sermão de frei José de Santa Maria por ocasião do resgate geral de cativos de 1655” em *Triunfos da eloquência sermões reunidos e comentados 1656-1864*, direção de Maria Renata da Cruz Duran (Niterói: Editora da UFF, 2012) 11-40. Sobre sermões de autos da fé e acerca de matérias relativas ao Santo Ofício, Maria Lucília Gonçalves, *Xadrez de palavras: estudos de literatura barroca* (Lisboa: Cosmos, 1996); Dominika Oliwa, “Defending the Catholic faith or spreading intolerance? the sermon delivered during the auto-da-fé in 17<sup>th</sup> century Portugal as an example of anti-jewish literature”, *Scripta Judaica Cracoviensia*, 10 (2011) 71-83;

Paulo Drumond Braga, “Sermões setecentistas portugueses de autos-da-fé”. *LibrosdelaCorte.es* [em linha]. 6 (2017) 223-232. [disponível em <https://revistas.uam.es/librosdelacorte/issue/view/Issue/745/412>] e Isabel Drumond Braga, Paulo Drumond Braga, “As Virtudes do Inquisidor Geral: os sermões de exéquias e a imagem dos dirigentes do Santo Ofício no século XVII” em *Um Historiador pelos seus pares: trajectórias de Ronaldo Vainfas*, organização de Angelo Adriano Faria de Assis, Pollyanna Gouveia de Mendonça Moniz, Yllan de Mattos (São Paulo: Alameda, 2017) 23-41. Sobre sermões relativos a atos de religiosos, vejam-se Isabel M. R. Mendes Drumond Braga, “Parenética e profissão de religiosas em Seiscentos: a glorificação da vida fora do século”, *Opsis* 13: 2 (2013) 419-447; Isabel Drumond Braga, “Parenética na Igreja do Loreto: os sermões em honra dos sumos pontífices (séculos XVII-XVIII)”, *Revista de História da Sociedade e da Cultura* 19, (2019) 175-197. Sobre sermões por ocasião de atentados, veja Isabel M. R. Mendes Drumond Braga, “Eloquência e poder político: o púlpito madeirense ao serviço do Marquês de Pombal” em *Diocese do Funchal: a primeir diocese global*, vol. 1, direção de José Eduardo Franco e João Paulo Oliveira e Costa (Funchal: Diocese do Funchal, 2015) 503-515.

<sup>23</sup> John W. O'Malley, *Trent: what happened at the Council*, (Cambridge, Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2013).

a patrística e diversas obras de espiritualidade; ao mesmo tempo que considerou ser necessário banir anedotas, fábulas, estórias e quaisquer disputas acerca de heresias, ainda que com objetivo de as refutar<sup>24</sup>. Estas atitudes, além de visarem o clero, tentavam evitar confusões entre os leigos, uma vez que nem sempre os fiéis entendiam cabalmente o que ouviam, chegando a acusar os sacerdotes de terem proferido heresias, demonstrando muita ignorância e, pontualmente, alguma argúcia<sup>25</sup>. Estas realidades eram particularmente relevantes se tivermos em conta que o gesto e a palavra eram as principais formas de comunicação. Logo, a eficácia comunicativa estava intrinsecamente ligada à capacidade de influenciar as populações e alterar os seus comportamentos<sup>26</sup>.

As preocupações relativas à adequada formação dos pregadores tiveram repercussões no surgimento de obras destinadas à sua preparação, algumas das quais não isentas de críticas à parénese demasiado exagerada e teatral. Esta realidade não foi exclusiva de Portugal, levando Marc Fumaroli a entender a linguagem empregue por alguns homens da Igreja como uma retórica “iconoclasta”<sup>27</sup>, a qual, contudo, não era exclusiva da parenética. Esses exageros tiveram repercussões quer nas decisões das autoridades eclesiásticas quer entre eclesiásticos que se detiveram a escrever sobre as maneiras adequadas de pregar. A partir do século XVII foram sendo publicadas obras destinadas a esse fim. No caso português, destaque-se o *Sermão da Sexagésima* (1655), da autoria do padre António Vieira – que não sendo uma obra teórica sobre a parénese forneceu críticas e conselhos aos pregadores – Francisco Leitão Ferreira, *Nova Arte de Conceitos* (1718-1721), João Baptista de Castro, *Espelho de Eloquência* (1734), Manuel da Epifania, *Verdadeiro Methodo de Prégar* (1759), Bento de Soto Maior e Meneses, *Compendio Rethorico ou Arte Completa da Rhetorica* (1794), de entre outros<sup>28</sup>.

2. Partindo do catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal, verifica-se que os sermões impressos, pregados por jesuítas, por ocasião do passamento dos prelados da Baía, foram apenas dois. Um da autoria de Eusébio de Matos (Salvador 1629 – Salvador 07-07-1692) e outro de João Honorato (Salvador, 11-08-1690 – Roma 1768).

<sup>24</sup> Sobre estas questões, cf. Marques, *Oratória*, 486, Melgosa Oter, 270.

<sup>25</sup> Estas matérias aparecem documentadas em diversas obras. Vejam-se, por exemplo, Paulo Drumond Braga, *A Inquisição nos Açores* (Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1997) 327; Marques, *Oratória*, 488 e José Pedro Paiva, “Episcopado e Pregação no Portugal Moderno: Formas de Actuação e de Vigilância”, *Via Spiritus*, 16 (2009) 42-43.

<sup>26</sup> Sobre esta matéria, veja-se Adolfo Carrasco Martínez, “Fisonomía de la virtud: gestos, movimientos y palabras en la cultura cortesã-aristocrática del siglo XVII”, *Reales Sitios: Revista del Patrimonio Nacional* 147 (2001) 26-37.

<sup>27</sup> Marc Fumaroli, *Eroi e Oratori: Retorica e Drammaturgia Secentesche* (Bolonha: Il Mulino, 1990) 291. Este tema tem sido abordados em outros trabalhos do mesmo autor. Vejam-se Marc Fumaroli, *L'Âge de l'Éloquence. Rhétorique et 'Res Literaria' de la Renaissance au Seuil de l'Europe Classique* (Genève: Droz, 1980) e Marc Fumaroli (dir.), *Histoire de la Rhétorique dans la l'Europe Moderne 1450-1950*, Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

<sup>28</sup> Para Espanha, veja-se, por exemplo, o trabalho de Maria Amelia Fernández Rodriguez, “La Censura de la eloquência (1648) de José de Ormaza: la idea retórica y poética del sermón”, em *La Corte del Barroco: textos literarios, avisos, manuales de corte, etiqueta y oratória*, coordenação de A. Rey Hazas, M. de la Campa Gutiérrez e E. Jiménez Pablo (Madrid: Polifemo, 2016) 543-575.

O primeiro jesuíta foi também pintor e poeta e meio irmão, via materna, do poeta barroco Gregório de Matos (1636-1696). Estudou no colégio jesuítico da Baía, foi discípulo do padre António Vieira e, em 1644, professou na Companhia de Jesus, ordem que viria a trocar pela do Carmo, em 1680, adotando o nome de frei Eusébio da Soledade. Em 1677, publicou em Lisboa, *Ecce Homo*, obra que dedicou ao inquisidor Bento de Beja de Noronha; era então, mestre de prima<sup>29</sup>. Por seu lado, o padre João Honorato professou em 1704 e pertenceu igualmente à província do Brasil. Foi lente em vários colégios da Companhia de Jesus (Rio de Janeiro, Baía) e no seminário de Belém, vice-reitor do colégio de Olinda e reitor do de São Paulo. Quando se deu a expulsão dos jesuítas, era examinador da ordem no Brasil e foi deportado para Roma, tendo vivido no palácio de Sora<sup>30</sup>. Pelo passamento do arcebispo D. Luís Álvares de Figueiredo foi ainda impresso um segundo sermão, da autoria de frei João Monteiro, eremita de Santo Agostinho, pregado na igreja de São Pedro de Vila Real, em 19 de dezembro de 1735, e impresso no ano seguinte a expensas de um sobrinho do prelado, o Dr. Manuel da Ascensão da Rocha, familiar do Santo Ofício, corregedor e provedor da comarca e cidade do Porto<sup>31</sup>.

#### Quadro

Sermões impressos pregados por jesuítas por ocasião de falecimentos de antístites da Baía

Autor	Sermão	Local pregação	Data pregação	Data publicação
Eusébio de Matos	Oraçam fúnebre...	Sé da Baía	14-07-1672	1735
João Honorato	Oraçam fúnebre...	Sé da Baía	01-10-1735	1737

Ambos os sermões foram publicados com um tempo de intervalo superior a um ano entre a pregação e a impressão, o que não sendo invulgar também não era a prática mais frequente. O da autoria de Eusébio de Matos apresentou um

<sup>29</sup> Sobre a vida e obra deste religioso, cf. Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, vol. 1 (Coimbra: Atlântida Editora, 1965) 766 (fac-símile da edição de 1741); José Américo de Miranda, “Apresentação”, em Eusébio de Matos, *Sermão do Mandato*, edição e notas de José América Miranda e Maria Cecília Boechat (Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 1999) 8-28; Clara Braz dos Santos, *O Exercício moral de memória da morte nos escritos religiosos do Brasil colonial (séculos XVII-XVIII)* (Dissertação de mestrado: Universidade Estadual Júlio Mesquita Filho – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2016) 188; Francisco Topa, “Efímera de um só dia: dois poemas inéditos de Eusébio de Matos”, em *Patrimônio e memória: revista eletrônica do CEDAP*. [Em linha]. Assis, 7: 1 (jun. 2011) 207-227. Disponível em WWW: <URL: [http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio\\_e\\_memoria/patrimonio\\_e\\_memoria\\_v7.n1/artigos/efimera-v7n1.pdf](http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v7.n1/artigos/efimera-v7n1.pdf)>.

<sup>30</sup> Machado, *Bibliotheca*, vol. 2, 674; Mariagrazia Russo, António Júlio Limpo Trigueiros, *I Gesuiti dell'Assistenza Lusitana esiliati in Italia (1759-1831)* (Roma: Libreria Editrice Università di Padova, 2013) 389-390; Santos, *O Exercício*, 195.

<sup>31</sup> João Monteiro, *Sermão nas exéquias do illustrissimo senhor D. Luis Alvares de Figueyredo arcebispo da Babia, primaz da América do Conselho de Sua Magestade, etc. celebradas na parochial de S. Pedro de Villa Real aos 19 de dezembro de 1735* (Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1736).

desfasamento bastante grande, 63 anos. Tratou-se de uma publicação póstuma, com 54 páginas, a cargo de Miguel Rodrigues, impressor do patriarca de Lisboa, ou seja, D. Tomás de Almeida. O do padre João Honorato, com 31 páginas, foi dado ao prelo na oficina de António Isidoro da Fonseca, impressor do duque e estribeiro mor, isto é, D. Jaime Álvares Pereira de Melo, 3.º duque de Cadaval. 5.º marquês de Ferreira e 6.º conde de Tentúgal.



Frontispícios dos sermões pregados pelos jesuítas Eusébio de Matos e João Honorato.

3. D. Estêvão dos Santos foi cónego regrante de Santo Agostinho e a sua ação como bispo foi de apenas mês e meio, uma vez que chegou ao Brasil em 15 de abril de 1672 e faleceu em 6 de junho desse mesmo ano<sup>32</sup>. A sua cerimónia de consagração, assim como a de D. Frei Álvaro de São Boaventura, bispo da Guarda, fez-se com grande pompa, em Lisboa, na presença do núncio, assinalando o restabelecimento das relações diplomáticas entre Portugal e a Santa Sé e o desbloquear da nomeação dos bispos propostos pela Coroa lusa<sup>33</sup>. Recorde-se que, de 1551 a 1676, isto é, durante 125 anos, a diocese da Baía, então a única do Brasil, esteve oficialmente vaga durante 42 anos. Acresceram os períodos em que os bispos esperaram pela confirmação e o tempo que demoraram na viagem, calculando-se uma presença efetiva de oito prelados em 58 anos, ou seja, em 46,4 por cento do período em que a Baía foi diocese<sup>34</sup>.

<sup>32</sup> Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, nova edição preparada e dirigida por Damião Peres, vol. 2 (Porto: Civilização, 1968) 683.

<sup>33</sup> José Pedro Paiva, *Os bispos de Portugal e do Império 1495-1777*, (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006), 67.

<sup>34</sup> Trindade, *Brasil*, 333.

O desaparecimento de D. Estêvão dos Santos motivou um sermão pregado na sé de Salvador pelo padre Eusébio de Matos. Se o jesuíta teve alguma dificuldade em construir um texto sobre uma figura que esteve à frente da então única diocese do Brasil, a Baía, “cabeça de todo esse dilatado corpo”<sup>35</sup>, por um período muito limitado de tempo, isto é, apenas alguns dias, podemos considerar que superou esse constrangimento de forma exemplar. Compreende-se que a brevidade do governo da diocese e o falecimento repentino do prelado, depois de o bispado ter estado vago durante 24 anos, desde a morte de D. Pedro da Silva de Sampaio (1632-1649), tenha sido objeto de consideração. O pregador lembrou a cerimónia da entrada e o percurso do féretro, tendo em conta o mesmo espaço percorrido, isto é, do mosteiro de São Bento até à catedral. Se o primeiro contou com pompa, triunfo e alegria, o segundo foi pautado por soluços e lágrimas.

Mais do que os feitos de D. Estêvão dos Santos, o jesuíta referiu o que seria expectável, escrevendo: “prelado tão rico de prendas e de esperanças, a quem a consistência da idade e o rigor da natureza, a quem o número de anos e o lustre dos merecimentos prometiam tanta duração”<sup>36</sup>. Sucederam-se as comparações com Jacob, este perdera um bem que tanto pretendia e que tão pouco lograra, isto é, Raquel, cujo matrimónio poucos anos durara, o que era idêntico ao sentimento da população que ansiava por um bispo, o qual apenas tinha tido por dias<sup>37</sup>; rematando que “verdadeiramente não nos concedeu a fortuna tempo para possuímos aquele bem que gozávamos se não só quanto foi bastante para vermos o bem que perdíamos”<sup>38</sup>.

O curto período de governo da diocese não impediu Eusébio de Matos de tecer elogios às qualidades do prelado, designadamente elencando as de continente, erudito, lustroso, puro e virtuoso<sup>39</sup>. Considerando que Estêvão significava coroa, observou que o antístite era uma coroa de ouro e de pedras preciosas, como tal apresentava pureza, qualificação, brandura e esplendor, ou seja, puro de consciência, qualificado de sangue, possuidor de prudência, de branda condição e de esplendoroso nascimento<sup>40</sup>. E insistiu nesta ideia em vários momentos. Por exemplo: “por sua continência mui puro, por sua religião mui lustroso, por sua prudência mui pesado, por sua índole mui brando, por sua dignidade mui subido, por sua ascendência mui qualificado”<sup>41</sup>.

As gemas dessa coroa inspiraram o pregador que entendeu salientar ser o bispo também lustroso e de soberano engaste, comparando-o a um racional, isto é, a uma das sagradas vestimentas do sumo sacerdote dos judeus, também conhecido como peitoral. Ou seja, o racional ou peitoral era um pano de tecido de ouro, púrpura, grã e linho, de forma quadrada que em cada ângulo apresentava quatro anéis e no meio quatro ordens de pedras preciosas, totalizando 12, as quais representavam as tribos de

<sup>35</sup> Eusébio de Matos, *Oração funebre nas exequias do illustrissimo e reverendissimo senhor D. Estêvão dos Santos, bispo do Brasil, celebradas na sé da Bahia a 14 de julho de 1672* (Lisboa Ocidental: Oficina de Miguel Rodrigues, 1735) 9.

<sup>36</sup> Matos, *Oração*, 12.

<sup>37</sup> *Ibidem*, 18.

<sup>38</sup> *Ibidem*, 19.

<sup>39</sup> *Ibidem*, 21, 22, 26.

<sup>40</sup> *Ibidem*, 20.

<sup>41</sup> *Ibidem*, 22.

Israel<sup>42</sup>. Ora, o prelado perfeito deveria possuir as virtudes que cada gema representava<sup>43</sup>, a saber:

Achates<sup>44</sup> – justiça  
Ametista – modéstia  
Berilo – penitência  
Carbúnculo – liberalidade para com os pobres  
Crisólito – capacidade  
Diamante – constância  
Esmeralda – castidade  
Jacinto – misericórdia  
Rubi – zelo da religião e amor a Deus  
Safira – contemplação celeste  
Sardónica<sup>45</sup> – espelho de vigilância  
Topázio – moderação para consigo

Embora o pregador expressasse que não houvera tempo para o Brasil usufruir das virtudes de um prelado perfeito, não duvidou que D. Estêvão de Matos as possuísse, pois escreveu: “faltou tempo para as gozarmos, porém, tempo nos sobejou para as vermos; porque as luzes para se darem a ver não necessitam de tempo”<sup>46</sup>. Mesmo assim, não deixou de fazer um elenco das ações levadas a cabo pelo antístite:

no soleníssimo jubileu que logo publicou, nas ofensas de Deus, que logo divertiu (*sic*), na suma devoção com que celebrava, no raro exemplo com que vivia na assistência deste coro, no recolhimento da sua casa, no trato da sua pessoa, na inteireza da sua jurisdição, na grandeza das esmolos, na moderação das licenças, no empenho com que logo dispôs a reparação desta sé, no zelo com que logo tratou na reformação deste estado e finalmente em todas suas ações em todo o discurso de sua religiosa vida e muito mais especialmente nas grandes circunstâncias de sua santa morte<sup>47</sup>.

Concluiu alegando que “pede a obrigação do amor verdadeiro que se prefira a glória de quem parte à perda de quem fica”<sup>48</sup>, exortando os fiéis a conformarem-se com a vontade de Deus.

D. Luís Álvares de Figueiredo (Mateus – Vila Real, 1670 – Salvador, 27 de agosto de 1735), criatura do arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Teles, foi arcebispo da Baía, em 1725. Antes havia sido vigário geral de Torre de Moncorvo, desembargador da Relação Eclesiástica de Braga, bispo coadjutor no arcebispado de

<sup>42</sup> Rafael Bluteau, *Vocabulário portuguez e latino*, vol. 7 (Lisboa: Oficina de Pascoal da Silva, 1720) 88-89.

<sup>43</sup> Matos, Oraçam, 22.

<sup>44</sup> O mesmo que ágata.

<sup>45</sup> O mesmo que cornalina.

<sup>46</sup> Matos, Oraçam, 24.

<sup>47</sup> Ibidem, 24-25.

<sup>48</sup> Ibidem, 50.

Braga, com o título de Uranópolis; reitor do colégio de São Pedro, da mesma cidade e cónego prebendado da sé de Braga, tendo recusado o arcebispado de Goa<sup>49</sup>.

Não obstante o prelado ter estado à frente da diocese cerca de 10 anos, o sermão pregado pelo padre João Honorato centrou-se quase exclusivamente na função de esmolar do antístite. Para o pregador, o bispo havia deixado marca à frente da arquidiocese da Baía enquanto pessoa dotada de modéstia, compaixão e misericórdia, concentrando a sua especial atenção nas esmolas corporais e nas espirituais. Lembrando que a consignação anual do arcebispado da Baía era de 4000 cruzados, esclareceu que em 10 anos incompletos o prelado havia distribuído esmolas no valor de 35000 cruzados. Segundo o pregador, dava ocultamente e só porque se encontrara um papel na livraria, com a lista das dádivas, se ficara a conhecer a amplitude dessa realidade<sup>50</sup>. Recordou ainda que, logo que iniciara a sua função, havia recomendado aos párocos que lhe enviassem os nomes das pessoas mais graves que viviam necessitadas, tendo-as, em seguida, socorrido com “grossas e repetidas esmolas”<sup>51</sup>. Sobre as esmolas corporais, foi ainda salientado que eram distribuídas aos sábados e nas quintas-feiras maiores eram vestidos 12 pobres e um sacerdote necessitado, dando-lhes ainda comida à sua mesa<sup>52</sup>. No testamento, que não chegou a assinar, D. Luís Álvares de Figueiredo tinha destinado uma verba para dotar oito donzelas pobres, no valor de 200000 réis para cada uma. O pregador salientou ainda duas ofertas destinadas ao culto, uma lâmpada para a capela do arcanjo São Miguel e uma custódia para a igreja de São Pedro<sup>53</sup>.

As esmolas espirituais, portanto, a favor das almas de outrem, foram igualmente objeto de reflexão. O pregador lembrou uma pastoral que proibira aos confessores admitirem ao sacramento os que não soubessem a doutrina, obrigou aos que fossem ordenados sacerdotes a ler os *Exercícios espirituais*, de Inácio de Loyola, antes de celebrarem a primeira missa, podendo obtê-los ou no seminário ou no colégio da Companhia de Jesus; e compeliu à prática da oração mental aos que eram ordenados<sup>54</sup>. Recordou ainda que o arcebispo era conhecido como o “sacerdote das almas”, devido à devoção que lhes tinha; sendo igualmente bom pregador e confessor atento, repreendendo mais com lágrimas do que com palavras. Finalmente, referiu que o antístite, durante uma visita, quando já estava em vias de embarcar, foi procurado por um menino branco pobre que lhe pediu que o crismasse, ao que acedeu de imediato, ordenando que o pontifical fosse reconduzido à igreja, e que o mesmo acontecera com dois escravos negros no Rio das Contas<sup>55</sup>.

<sup>49</sup> João Honorato, *Oração funebre nas exequias do illustrissimo e reverendissimo D. Luiz Alvares de Figueiredo arcebispo metropolitano da Bahia celebradas na catedral da mesma cidade ao primeiro de outubro de 1735* (Lisboa Ocidental: Oficina de António Isidoro da Fonseca, 1737) 13, Monteiro, *Sermão*, 13; Almeida, *História*, 684, Paiva, *Os bispos*, 520; Santos, *O Exercício*, 188.

<sup>50</sup> Honorato, *Oração*, 4.

<sup>51</sup> *Ibidem*, 4.

<sup>52</sup> *Ibidem*, 6.

<sup>53</sup> *Ibidem*, 7-8.

<sup>54</sup> *Ibidem*, 9-10.

<sup>55</sup> *Ibidem*, 11-12.

Ou seja, através da valorização da faceta de esmoler de D. Luís Álvares de Figueiredo, o pregador salientou diversas medidas tomadas durante o múnus episcopal que evidenciavam modéstia, compaixão, misericórdia e muito zelo no cumprimento dos deveres, quer dos seus quer de terceiros. A última manifestação de modéstia terá ficado visível ao manifestar o desejo de ser amortalhado apenas num lençol e acompanhado à sepultura por 12 pobres com tochas acesas, alguns sacerdotes e um cura<sup>56</sup>.

Uma rápida confrontação com o sermão de frei João Monteiro, eremita de Santo Agostinho, demonstra que este deu ênfase ao facto de Luís significar luz, articulando toda a pregação em torno da luz brilhante que o prelado emanava e, que de algum modo, beneficiava a arquidiocese da Baía e as dioceses sufragâneas, isto é, Angola, Maranhão, Olinda, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Tomé. Nesse sentido, a caridade foi apenas uma das virtudes salientada, a par de castidade, compaixão, concórdia, justiça, liberalidade, piedade e prudência. O texto foi dividido em duas partes, sendo prestada atenção significativa à biografia do prelado<sup>57</sup>.

No sermão de Eusébio de Matos, podem encontrar-se referências sobretudo a personagens bíblicas, tais como Abel, Caim, o rei Ezequias, Jacob, o profeta Jeremias, Job, o profeta Natan, Raquel, por ter morrido jovem, e ainda a Santo Estêvão, um mártir; já na parénesis do padre João Honorato foram citadas figuras da Igreja do passado longínquo e outras mais recentes, tais como Santo Ambrósio, Santo Agostinho, São Carlos Borromeu, São Cipriano, São Francisco de Sales, São Gregório, São João, São João Crisóstomo e São José, além de nomes como Isac, Jacob e do cardeal Hugo, não sendo perceptível se Hugo Eteriano (1115-1182) ou o dominicano Hugo de Saint-Cher (1200-1263). Pela negativa, e como exemplo que não fora seguido, o rei Acáz, que promoveu a idolatria e foi contemporâneo do profeta Isaías.

4. Como em qualquer sermão fúnebre, os que aqui se analisaram, relativos ao falecimento de dois bispos, evidenciaram as características das figuras que lhes deram origem, as quais foram apresentadas como modelares. Consequentemente, como temos vindo a defender em diversos textos anteriormente citados, os sermões relativos à morte de homens da Igreja autorizam o historiador a utilizá-los como textos de teoria política à semelhança dos que foram pregados quer em Portugal quer em outros espaços após o passamento de reis, sumos pontífices e inquisidores-gerais. A análise da parénesis comprova uma escrita exageradamente elogiosa, raramente alheia a omissões de facetas menos favoráveis e, por vezes, entremeada por imprecisões, de modo a construir uma imagem o mais perfeita possível daquele que pereceu. Estamos, pois, perante textos inequivocamente laudatórios, em que a ênfase incidia nas qualidades reais ou imaginárias dos defuntos, com destaque para a defesa da fé.

As correlações entre a parenética fúnebre relativa a Papas, inquisidores, membros da Casa Real e bispos é evidente. Todos esses sermões incluíram reflexões

<sup>56</sup> Ibidem, 15. Sobre a conceção dos espaços de sepultura, veja-se o trabalho de Ana María Martínez Sanchez, “Y el cuerpo a la tierra, en Córdoba del Tucumán: costumbres sepulcrales XVI\_XIX”, *Apuntes* 18: 1-2 (2005) 161-170.

<sup>57</sup> Monteiro, *Sermão*.

de teoria política ao pôr em relevo as qualidades que cada um deveria possuir para desempenhar os respetivos cargos. No caso dos bispos aqui abordados, salientem-se as seguintes: benevolência, caridade, força, gravidade, misericórdia, modéstia, piedade, prudência, valor e vigilância. Ou seja, para os pregadores eram estes os predicados que os antístites deveriam patentear para poderem levar a efeito uma boa governação da diocese. Ora, estas qualidades eram parte das mesmas que os teorizadores do poder defendiam para os monarcas, baseando-se em textos das Sagradas Escrituras (Antigo e Novo Testamentos), de autores clássicos e na tradição aristotélico-medieval, igualmente utilizados pelos pregadores. Assim se compreende que, a par do doutrinamento moral, além do uso de metáforas, se utilizassem exemplos concretos relacionados com o quotidiano dos fiéis. Neste sentido, temáticas como juiz, advogado, tribunal, justiça, lei, castigo e cárcere estavam presentes na parenética, visando articular a realidade terrena com a divina<sup>58</sup>. Todas estas produções, tinham como objetivo apresentar as qualidades de um bom governante, monarca ou bispo, de forma pedagógica, evidenciando uma relação muito estreita com as obras catequéticas<sup>59</sup>.

Nas suas dioceses, os bispos deveriam cuidar dos seus fiéis, de forma a constituírem exemplos para todo o rebanho, fixando-se nas reformas que visassem quer o clero quer os leigos. Neste sentido, destaquem-se as preocupações com a erradicação das heresias e a missão. Isto significa que a parenética fúnebre relativa aos bispos não deixou de ter como propósito o disciplinamento das populações, através do exemplo fornecido de forma pedagógica. Tratou-se, por isso mesmo, de uma ferramenta que se juntou a outras, tais como as mensagens patenteadas nas alegorias das artes visuais – com destaque para os mausoléus de arte efémera decorados com poesia, pinturas mitológicas, astronómicas de entre outras<sup>60</sup> – nos textos de carácter catequético e, inclusivamente, nos panfletos.

<sup>58</sup> Martínez de Sanchez, *Imágenes*, 543-554.

<sup>59</sup> Nair de Nazaré Castro Soares, *O Príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório* (Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1994); Ana Isabel Buescu, *Imagens do príncipe: discurso normativo e representação (1525-49)* (Lisboa: Cosmos, 1996); Ilda Soares de Abreu, *Simbolismo e ideário político: a educação ideal para o príncipe ideal Seiscentista* (Lisboa: Estar, 2000).

<sup>60</sup> Veja-se, para Espanha, o trabalho de María Adelaida Allo Manero, Juan Francisco Esteban Lorente, “El Estudio de las exequias reales de la monarquía hispana: siglos XVI, XVII y XVIII”, *Artígrama* 12 (2004) 39-94.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### *Fontes*

Bluteau, Rafael, *Vocabulário português e latino*, vol. 7 (Lisboa: Oficina de Pascoal da Silva, 1720).

Honorato, João, *Oração funebre nas exequias do illustrissimo e reverendissimo D. Luiz Alvares de Figueiredo arcebispo metropolitano da Bahia celebradas na catedral da mesma cidade ao primeiro de outubro de 1735* (Lisboa Ocidental: Oficina de António Isidoro da Fonseca, 1737).

Machado, Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, vols. 1 e 2 (Coimbra: Atlântida Editora, 1965, 1966) (fac-símile da edição de 1741 e 1747, respetivamente).

Matos, Eusébio de, *Oração funebre nas exequias do illustrissimo e reverendissimo senhor D. Estêvão dos Santos, bispo do Brasil, celebradas na sé da Bahia a 14 de julho de 1672* (Lisboa Ocidental: Oficina de Miguel Rodrigues, 1735).

Monteiro, João, *Sermão nas exéquias do illustrissimo senhor D. Luis Alvares de Figueyredo arcebispo da Bahia, primaç da América do Conselho de Sua Magestade, etc. celebradas na parochial de S. Pedro de Villa Real aos 19 de dezembro de 1735* (Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1736).

### *Bibliografia*

Abreu, Ilda Soares de, *Simbolismo e ideário político: a educação ideal para o príncipe ideal Seiscentista* (Lisboa: Estar, 2000).

Allemano, Romano, *Oratori Sacri del Seicento. Antologia di Temi e di Motivi dell'Eloquenza Religiosa Barroca*, (Turim, Tesi di Laura in Letteratura Italiana, Università degli Studi di Torino, Facoltà di Lettere e Filosofia, 1968).

Allo Manero, María Adelaida, Juan Francisco Esteban Lorente, “El Estudio de las exequias reales de la monarquía hispana: siglos XVI, XVII y XVIII”, *Artígrama* 12 (2004) 39-94.

Ambrasi, Domenico, “Panegirici e Panegiristi a Napoli tra Seicento e Settecento”, em *La Predicazione in Italia dopo il Concilio di Trento tra Cinquecento e Settecento*, direção de Giacomo Martina e Ugo Dovere (Roma: Edizioni Dehoniane, 1996) 347-389.

- Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, nova edição preparada e dirigida por Damião Peres, vol. 2 (Porto: Civilização, 1968).
- Ardissimo, Erminia, *Il Barroco e il sacro: la predicazione del teatino Paolo Aresi tra letteratura, immagini e scienza* (Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2001).
- Bolzoni, Lina, “Oratoria e Prediche” em *Letteratura Italiana*, direção de Alberto Asor Rosa, vol. 3 (Turim: Einaudi, 1984) 1060-1070.
- Bouza Álvares, Fernando, “Clarins de Jerichó: oratoria sagrada y publicista en la Restauração portuguesa”, *Cadernos de Historia Moderna y Contemporánea* 7 (1986) 13-31.
- Braga, Isabel M. R. Mendes Drumond, “Chorar uma Rainha em Portugal e no Brasil: os Sermões por Ocasão da Morte de D. Maria I” em *Anais do I Congresso Lusófono de Ciência das Religiões – Religiões e Espiritualidades, Culturas e Identidades* (Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2015).
- , “Eloquência, cativo e glorificação: o sermão de frei José de Santa Maria por ocasião do resgate geral de cativos de 1655” em *Triunfos da eloquência sermões reunidos e comentados 1656-1864*, direção de Maria Renata da Cruz Duran (Niterói: Editora da UFF, 2012) 11-40.
- , “Eloquência e poder político: o púlpito madeirense ao serviço do Marquês de Pombal” em *Diocese do Funchal: a primeira diocese global*, vol. 1, direção de José Eduardo Franco e João Paulo Oliveira e Costa (Funchal: Diocese do Funchal, 2015) 503-515.
- , “A Parenética franciscana ao serviço da Monarquia por ocasião do nascimento de D. Maria Teresa de Bragança (1793)”. *Paralellus* 6:12. (2015) 119-138.
- , “Parenética na Igreja do Loreto: os sermões em honra dos sumos pontífices (séculos XVII-XVIII)”, *Revista de História da Sociedade e da Cultura* 19, (2019) 175-197.
- , “Parenética e profissão de religiosas em Seiscentos: a glorificação da vida fora do século”, *Opsis* 13: 2 (2013) 419-447.
- , “As Realidades Culturais” em *Portugal da Paz da Restauração ao Ouro do Brasil* (= Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques (dir.) *Nova História de Portugal*. 7), coordenação de Avelino de Freitas de Meneses (Lisboa: Presença, 2001) 465-565.
- Braga, Isabel Drumond y Braga, Paulo Drumond, “As Virtudes do Inquisidor Geral: os sermões de exéquias e a imagem dos dirigentes do Santo Ofício no século

- XVII” em *Um Historiador pelos seus pares: trajetórias de Ronaldo Vainfas*, organização de Angelo Adriano Faria de Assis, Pollyanna Gouveia de Mendonça Moniz, Yllan de Mattos (São Paulo: Alameda, 2017) 23-41.
- Braga, Paulo Drumond, *A Inquisição nos Açores* (Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1997).
- , “Sermões setecentistas portugueses de autos-da-fé”. *LibrosdelaCorte.es* [em linha]. 6 (2017) 223-232. [disponível em <https://revistas.uam.es/librosdelacorte/issue/viewIssue/745/412>].
- Brambilla, Elena, *La Giustizia intollerante: inquisizione e tribunali confessionali in Europa (secoli IV-XVIII)* (Roma: Carocci Editore, 2006).
- Buescu, Ana Isabel, *Imagens do príncipe: discurso normativo e representação (1525-49)* (Lisboa: Cosmos, 1996).
- Castro, Aníbal Pinto de, *Retórica e teorização literária em Portugal do humanismo ao neoclassicismo*, 2.<sup>a</sup> ed. (Lisboa: INCM, 2008).
- Carrasco Martínez, Adolfo, “Fisonomía de la virtud: gestos, movimientos y palabras en la cultura cortesã-aristocrática del siglo XVII”, *Reales Sítios: Revista del Patrimonio Nacional* 147 (2001) 26-37.
- Pontes, Maria de Lourdes Belchior, *Frei António das Chagas: um homem e um estilo do século XVII* (Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1953).
- , *A Oratória sacra em Portugal no século XVII, segundo o Manuscrito 362 da Biblioteca Nacional de Lisboa* (Coimbra: [s.n.], 1961).
- Fernández Rodriguez, Maria Amelia, “La Censura de la eloquência (1648) de José de Ormaza: la idea retórica y poética del sermón”, em *La Corte del Barroco: textos literarios, avisos, manuales de corte, etiqueta y oratória*, coordenação de A. Rey Hazas, M. de la Campa Gutiérrez e E. Jiménez Pablo (Madrid: Polifemo, 2016) 543-575.
- Filippo, Claudia di, “Pastorale Tridentina ed educazione degli adulti nelle zone retiche e ticinesi all’Epoca di Carlo Borromeo” em *La Comunicazione del Sacro (secoli IX-XVIII)*, direção de Agostino Paravicini Bagliani e Antonio Rigoso (Roma: Herder, 2008) 309-348.
- Fumaroli, Marc, *L’Âge de l’Éloquence. Rhétorique et ‘Res Literaria’ de la Renaissance au Seinil de l’Europe Classique* (Genève: Droz, 1980).
- , *Eroi e Oratori: Retorica e Drammaturgia Secentesche* (Bolonha: Il Mulino, 1990).

- Fumaroli, Marc (dir.), *Histoire de la Rhétorique dans la l'Europe Moderne 1450-1950*, Paris: Presses Universitaires de France, 1999.
- Griné, Euclides dos Santos, *A Construção da imagem pública do rei e da família real em tempo de luto (1649-1709)* (Dissertação de Mestrado em História Moderna, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra 1997).
- Hernández Guerrero, José Antonio, “La *actio* en la presicación catequética de la cultura barroca” em *La Corte del Barroco: textos literarios, avisos, manuales de corte, etiqueta y oratória*, coordenação de A. Rey Hazas, M. de la Campa Gutiérrez e E. Jiménez Pablo (Madrid: Polifemo, 2016) 577-588.
- Martínez Gil, Fernando, “Los sermones como cauce de propaganda: la Guerra de Sucesión”, *Obradoiro de Historia Moderna* 20 (2011) 303-336.
- Martínez de Sanchez, Ana María, “Imágenes de lo jurídico en sermones finí y post coloniales”, *Revista Chilena de Historia del Derecho* 22-1 (2010) 543-554.
- , “Y el cuerpo a la tierra, en Córdoba del Tucumán: costumbres sepulcrales XVI\_XIX”, *Apuntes* 18: 1-2 (2005) 161-170.
- McMullough, Peter, Adlington, Hugh and Rhatigan, Emma, *The Oxford Handbook of Early Modern Sermon*, (Oxford: Oxford University Press, 2011).
- Michelson, Emily, *The pulpit and the press in Reformation Italy* (Cambridge – Massachusetts: Harvard University Press, 2013).
- Marques, João Francisco, “Lisboa Religiosa na Segunda Metade do século XVII” em *Bento Coelho e a cultura do seu tempo: 1620-1708* (Lisboa: Ministério da Cultura, Instituto Português do Património Arquitectónico, 1998) 139-169.
- , “Oratória Sacra ou Parenética” em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, direção de Carlos Moreira Azevedo, vol. 4 (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, 2001) 470-510.
- , *A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina* (Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986).
- , *A Parenética Portuguesa e a Restauração (1640-1668)*, 2 vols. (Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989).
- Palomo, Federico, *A Contra-Reforma em Portugal: 1540-1700* (Lisboa: Livros Horizonte, 2006).

- Pereira, Belmiro Fernandes, *Retórica e eloquência em Portugal na Época do Renascimento* (Lisboa: INCM, 2012).
- Pires, Maria Lucília Gonçalves, *Xadrez de palavras: estudos de literatura barroca* (Lisboa: Cosmos, 1996).
- Melgosa Oter, Óscar Raúl, “Protagonistas de las exéquias de los Austrias: los predicadores del sermón fúnebre”, *Obradoiro de Historia Moderna* 16 (2007) 253-282.
- Mendes, Margarida Vieira, *A Oratória Barroca de Vieira* (Lisboa: Caminho, 1989).
- Miranda, José Américo de, “Apresentação”, em Eusébio de Matos, *Sermão do Mandato*, edição e notas de José Américo Miranda e Maria Cecília Boechat (Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 1999) 8-28.
- Oliwa, Dominika, “Defending the Catholic faith or spreading intolerance? the sermon delivered during the auto-da-fé in 17<sup>th</sup> century Portugal as an example of anti-jewish literature”, *Scripta Judaica Cracoviensia*, 10 (2011) 71-83.
- O’Malley, John W., *Trent: what happened at the Council*, (Cambridge, Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2013).
- Paiva, José Pedro, *Os bispos de Portugal e do Império 1495-1777*, (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006).
- , “Episcopado e Pregação no Portugal Moderno: Formas de Actuação e de Vigilância”, *Via Spiritus*, 16 (2009) 42-43.
- Palomo, Federico, “Disciplina Christiana’ apuntes historiográficos en torno a la disciplina y el disciplinamento social como categorías de la historia religiosa de la Alta Edad Moderna”, *Cuadernos de Historia Moderna* 18 (1997) 119-136.
- Petey-Girard, Bruno, “Parler des morts, parler de soi. Remarques sur la place du sujet dans les harangues funèbres”, em *De bonne vie s’ensuit bonne mort : récits de mort, récits de vie en Europe (XV<sup>e</sup>-XVII<sup>e</sup> siècle)*, direção de Patricia Eichel-Lojkine (Paris: Honoré Champion, 2006), 169-182.
- Prosperi, Adriano, “Riforma cattolica, contrariforma, disciplinamento sociale” em *L’Età Moderna*, direção de Gabriele De Rosa e Tulio Gregory (Roma: Bari, Laterza, 1994) 3-48.
- , *Tribunali della coscienza: inquisitori, confessori, missionari* (Turim: Einaudi, 1996).

- Quijada Álamo, Diego, “La Exaltación de las virtudes en la oración fúnebre de la reina María Amalia de Sajonia (1829)” em *Mujeres, Sociedad y Conflicto (siglos XVII-XIX)* coordenação de Margarita Torremocha Hernández (Valladolid: Castilla Ediciones, 2019) 63-80.
- Reinhard, Wolfgang, “Disciplinamento sociale, confessionalizzazione, modernizzazione: un storiografico” em *Disciplina dell'anima, disciplina del corpo e disciplina della società tra Medioevo ad Età Moderna*, coordenação de Paolo Prodi e Carla Penuti (Bologna: Società Editrice Il Mulino, 1994) 101-123.
- Russo, Mariagrazia y Limpo Trigueiros, António Júlio, *I Gesuiti dell'Assistenza Lusitana esiliati in Italia (1759-1831)* (Roma: Libreria Editrici Università di Padova, 2013).
- Santos, Clara Braz dos, *O Exercício moral de memória da morte nos escritos religiosos do Brasil colonial (séculos XVII-XVIII)* (Dissertação de mestrado: Universidade Estadual Júlio Mesquita Filho – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2016).
- Schilling, Heinz, “Chiese confessionali e disciplinamento sociale: un bilancio provvisorio della ricerca storica” em *Disciplina dell'anima, disciplina del corpo e disciplina della società tra Medioevo ad Età Moderna*, coordenação de Paolo Prodi e Carla Penuti (Bologna: Società Editrice Il Mulino, 1994) 125-160.
- , “L'Europa delle chiese e delle confessioni”, em *La Radici storiche dell'Europa: l'Età Moderna*, direção de Maria Antonietta Visceglia (Roma: Viella, 2007) 69-81.
- Schulze, Winfried, “Il Concetto di ‘Disciplinamento Sociale nella prima Età Moderna’ Gerhard Oestreich”, *Annali dell'Istituto Storico Ítalo-Germanico in Trento* 18 (1992) 371-411.
- Shami, Jeanne, “Women and Sermons”, em *The Oxford Handbook of the Early Modern Sermon*, direção de Peter McCullough, Hugh Adlington e Emma Rhatigan (Oxford: Oxford University Press, 2011), 155-177.
- Simiz, Stefano, *Prédications et prédicateurs en ville XVI-XVII siècles*, (Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2015).
- Soares, Nair de Nazaré Castro, *O Príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório* (Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1994).
- Topa, Francisco, “Efímera de um só dia: dois poemas inéditos de Eusébio de Matos”, em *Patrimônio e memória: revista eletrônica do CEDAP*. [Em linha]. Assis, 7: 1 (jun. 2011) 207-227. Disponível em [http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio\\_e\\_memoria/patrimonio\\_e\\_memoria\\_v7.n1/artigos/efimera-v7n1.pdf](http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v7.n1/artigos/efimera-v7n1.pdf).

Trindade, João, “Brasil – Organização eclesiástica”, *Dicionário de história da Igreja em Portugal*, direção de Fernando Jasmins Pereira, vol. 3 (Lisboa: Editorial Resistência, 1983) 332-344.

Recibido: 9 de noviembre de 2021

Aceptado: 10 de marzo de 2022